

CURRÍCULO, CULTURA E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: cartografia étnico-racial no Museu Casa do Tambor de Crioula

*Joerlison Roniere Farias Souza
Danilo Araujo de Oliveira*

Resumo

Este texto, que adota a metodologia de pesquisa pós-crítica, investiga o funcionamento do currículo-museu Casa do Tambor de Crioula. Desenvolvemos o argumento de que o currículo-museu Casa do Tambor de Crioula proporciona encontro da cultura com as questões étnico-raciais incitando a pensar a partir de uma perspectiva antirracista, pois incorpora elementos de valorização da cultura afro-brasileira. Para tal, a pesquisa mobiliza elementos da cartografia, buscando, assim, mapear os encontros possíveis de quatro artefatos culturais expostos no museu com as questões étnico-raciais. O Museu do Tambor de Crioula atua como um currículo-museu, como um espaço de resistência cultural. Ao apresentar e valorizar a cultura afro-brasileira, o museu resiste à marginalização histórica dessas tradições, oferecendo um contraponto às narrativas dominantes que muitas vezes excluem ou distorcem a contribuição afro-brasileira.

Palavras-chave: currículo; museu; étnico-raciais, estudos culturais.

ANTI-RACIST CURRICULUM, CULTURE AND EDUCATION: ethnic-racial cartography at the Casa do Tambor Museum in Crioula

Abstract

This text, which adopts a post-critical research methodology, investigates the functioning of the curriculum-museum Casa do Tambor de Crioula. We develop the argument that the curriculum-museum Casa do Tambor de Crioula fosters an encounter between culture and ethno-racial issues, encouraging reflection from an anti-racist perspective, as it incorporates elements that value Afro-Brazilian culture. To this end, the research mobilizes elements of cartography, aiming to map the possible encounters between four cultural artifacts exhibited in the museum and ethno-racial issues. The Tambor de Crioula Museum functions as a curriculum-museum, as a space of cultural resistance. By presenting and valuing Afro-Brazilian culture, the museum resists the historical marginalization of these traditions, offering a counterpoint to dominant narratives that often exclude or distort Afro-Brazilian contributions.

Keywords: curriculum; museum; ethnic-racial, cultural studies.

CURRÍCULO, CULTURA Y EDUCACIÓN ANTIRRACISTA: cartografía étnico-racial en el Museo Casa do Tambor en Crioula

Resumen

Este texto, que adopta una metodología de investigación poscrítica, investiga el funcionamiento del currículo-museo Casa del Tambor de Crioula. Desarrollamos el argumento de que el currículo-museo Casa del Tambor de Crioula propicia un encuentro entre la cultura y las cuestiones étnico-raciales, incitando a reflexionar desde una perspectiva antirracista, ya que incorpora elementos de valorización de la cultura afrobrasileña. Para ello, la investigación moviliza elementos de la cartografía, con el objetivo de mapear los encuentros posibles entre cuatro artefactos culturales expuestos en el museo y las cuestiones étnico-raciales. El Museo del Tambor de Crioula actúa como un currículo-museo, como un espacio de resistencia cultural.

Al presentar y valorar la cultura afrobrasileña, el museo resiste a la marginación histórica de estas tradiciones, ofreciendo un contrapunto a las narrativas dominantes que a menudo excluyen o distorsionan la contribución afrobrasileña.

Palabras clave: currículo; museo; étnico-racial; estudios culturales.

INTRODUÇÃO

*Mariá me convidou
Pra uma festa
De tambor
Eu vou, mamãe,
Eu vou, Mariá.
Brincar tambor.*

*Olha que eu fui convidado
Pela Mundica Loló (bis)
Ela veio de avião e eu vim
De barco a motor, festa
De branco é sanfona, festa de preto é tambor.*

Mobilizamos essa cantiga do Tambor de Crioula para estender o convite de Mariá a todos/as. Venha do que vier, de onde quiser. Queremos que conheçam e pensem com a gente essa dança afro-brasileira que nos provoca de diversos modos. Trata-se de uma dança que ganhou um museu, espaço que, na perspectiva adotada neste trabalho, constitui-se como um currículo que divulga verdades e saberes afros de resistência.

Assim, o estudo aqui empreendido busca investigar o funcionamento do currículo do Museu Casa do Tambor de Crioula, utilizando uma metodologia pós-crítica. Por meio da cartografia, mapeamos encontros entre artefatos culturais do museu e questões étnico-raciais, argumentando que o currículo-museu promove uma perspectiva antirracista ao valorizar a cultura afro-brasileira.

A questão de pesquisa que guia este trabalho é: como o currículo do Museu Casa do Tambor de Crioula aborda e incorpora as questões étnico-raciais? Nosso argumento central é que o museu não apenas preserva e divulga essa manifestação cultural, mas também atua como um espaço educativo que desafia e ressignifica as narrativas raciais, promovendo um olhar crítico e inclusivo sobre a história e a cultura afro-brasileira.

O texto está estruturado da seguinte forma: inicialmente, a contextualização do Tambor de Crioula e sua importância cultural e histórica são apresentadas. Em seguida, exploramos o papel do Museu do Tambor de Crioula na preservação e disseminação dessa tradição. O terceiro tópico aborda a metodologia utilizada na pesquisa, destacando a abordagem pós-crítica e o uso de elementos da cartografia. No quarto tópico, discutimos os resultados da pesquisa, mostrando como o museu promove a valorização da cultura afro-brasileira e as implicações pedagógicas dessa prática. Por fim, apresentamos as conclusões, ressaltando a importância de museus como agentes de transformação social e de uma educação antirracista.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Tambor de Crioula

O Tambor de Crioula é uma manifestação cultural de matriz afro-brasileira. Reconhecido em 2007 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Patrimônio Cultural do Brasil, é praticado por diversão ou em devoção a São Benedito, considerado o santo protetor dos negros. Suas origens remontam ao período de escravidão, quando os/as africanos/as escravizados/as no Brasil trouxeram suas tradições, como músicas, danças e rituais. Tem surgimento datado no final do século XVIII para o início do século XIX (Barbosa, 2016).

O Tambor de Crioula era praticado nas senzalas por grupos que, após trabalharem em lavouras, reuniam-se em rodas para dançar, cantar e tocar os tambores, como uma forma de resistência, de preservação das raízes e de fuga do contexto escravocrata em que estavam. Assim, como “[...] não há um local específico ou calendário pré-fixado para que ele seja praticado” (Ferretti, 2002, p. 15), podemos vê-lo ao ar livre, nas praças, no interior de terreiros ou associado a outros eventos e manifestações.

Essa manifestação cultural desempenha um papel vital na preservação das tradições afro-brasileiras e no fortalecimento da identidade das comunidades envolvidas. Isso porque o Tambor de Crioula representa uma forma de resistência, simbolizando a luta contra a discriminação racial e o resgate das raízes africanas no Brasil.

A dança se destaca por sua espontaneidade, dispensando ensaios formais. A animação é conduzida pelos homens que iniciam o canto acompanhados pelas mulheres. Um participante lidera a toada de levantamento que pode ser uma composição existente ou improvisada na hora. Posteriormente, o coro, composto pelos instrumentistas e pelas mulheres, junta-se, transformando esse canto em refrão para os improvisos que se seguem. Os temas abordados nas toadas são variados e livres, podendo incluir autoapresentação, louvação aos santos protetores, sátiras, homenagens às mulheres, desafios de cantadores, relatos do cotidiano e despedidas.

Museu do Tambor de Crioula

O Museu do Tambor de Crioula está situado na rua da Estrela, 308-282, São Luís, no Centro do estado do Maranhão, Brasil, precisamente na esquina com a Rua João Vital de Matos, próximo à Praça Nauro Machado. Funciona de terça-feira a sábado, das 9h às 18h, e, aos domingos, das 9h às 13h, com entrada gratuita.

A trajetória educativa do Museu do Tambor de Crioula é marcada por um compromisso contínuo com a difusão do conhecimento e a promoção da cultura. Desde sua fundação, reconhece-se a educação como um pilar essencial para preservar e valorizar a expressão do tambor de crioula. Segundo Chagas (2006, p. 31), “[...] além de ser um local de preservação, documentação, pesquisa e comunicação, o museu é também reconhecido como um espaço de poder”. Por ser um lugar onde a cultura, a história e a identidade afro-brasileira são preservadas e transmitidas, desempenha um papel crucial no *empoderamento* das comunidades afrodescendentes no Brasil, disputando com outras narrativas que insistem em silenciá-las e/ou inviabilizá-las.

O empoderamento é uma prática social discursiva, portanto, luta, embate, intriga pela afirmação de outros modos de existência não legitimados pela norma. Partimos do entendimento de que empoderar-se “[...] é um instrumento de emancipação política e social” (Berth, 2018, p. 42). Dessa forma, não pode ser feito individualmente, pois pode levar a uma fragilidade do termo

e da própria luta, como defende Berth (2018). Por isso, ainda conforme a Berth (2018, p. 130), “[...] empoderamos a nós mesmos e amparamos outros indivíduos em seus processos, conscientes de que a conclusão só se dará pela simbiose do processo individual com o coletivo”. Isso posto, a existência de um museu como o Casa de Tambor de Crioula ajuda a criar comunidades, vínculos, alianças para buscar “[...] estratégias de enfrentamento ao sistema racista e redes de solidariedade” (Berth, 2018, p. 73).

No contexto da educação racial, o museu oferece uma oportunidade valiosa para estudantes e visitantes aprenderem sobre as tradições afro-brasileiras especificamente relacionadas ao Tambor de Crioula. Além da exibição do acervo, o promove palestras e *workshops* para conscientizar o público sobre a importância dessa tradição cultural, como também eventos que abordam questões relacionadas ao racismo, discriminação e inclusão social.

As interações entre educação e museu são interpretadas por Santos (2002) como sendo produzidas historicamente e socialmente, estando sujeitas à influência das ações humanas no mundo. Uma das aplicações mais destacadas da relação entre educação e museologia é a integração entre museu e escola ou entre a educação formal e não formal. Apesar de serem espaços distintos, com abordagens e produções pedagógicas diversas, essa relação pode parecer comum para ambas as instituições.

Pode parecer evidente que grupos escolares visitem museus e que estas instituições sejam naturalmente fadadas ao trabalho em parceria. Na verdade, embora a relação entre instituições de ensino formal e instituições museais sejam bastante antigas, esta envolve atores provenientes de campos específicos (cultura, educação), que proclamam diferentes objetivos, com interesses particulares, segundo determinado contexto social, político, cultural, econômico, científico e educativo (Kötcke, 2002, p. 16).

Mais do que reconhecer essa relação, na perspectiva adotada em nossa pesquisa, compreendemos que o museu Casa do Tambor de Crioula tem um currículo em funcionamento, ao adotar estratégias específicas para produzir conhecimentos variados e ensinar sobre essa prática cultural, incorporando as questões étnico-raciais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Currículo cultural não escolar

O currículo cultural não escolar é um conceito fundamental que engloba todas as formas de ensinamentos desenvolvidos fora do ambiente educacional formal, como escolas e universidades. Currículo cultural não escolar são aqueles artefatos culturais em circulação na sociedade que têm modos de funcionamento específicos que, por ensinarem, divulgarem um conjunto de saberes, produzirem algo como verdadeiro e/ou demandarem sujeitos de determinados tipos, são, assim, entendidos como currículos. Nesse sentido, torna-se importante destacar que os currículos não se restringem aos espaços formais de aprendizagem, como escolas e universidades, mas podem ser localizados em diferentes espaços e esferas da cultura. A identificação desse currículo não é arbitrária, é uma criação de um/a analista cultural ou curricularista. O que se deve fazer é detalhar, esmiuçar e demonstrar que ele está ali, como está e como se dá seu funcionamento.

Nesse sentido, operar com esse conceito é partir do entendimento de que “[...] onde há pedagogia, há currículo” (Paraíso, 2010, p. 37). Dessa maneira, considera-se que “[...] as outras instâncias culturais também são pedagógicas, também têm uma ‘pedagogia’, também ensinam alguma coisa” (Silva, 2020, p. 139). Os aportes pós-críticos (Paraíso, 2012, p. 24) ajudam a investigar “[...] todo e qualquer artefato cultural que ensina” e a “[...] mostrar o currículo que eles apresentam”. Foi, portanto, esse investimento feito aqui para nomear e investigar o currículo do Museu Casa do Tambor de Crioula, realizado também com os aportes do Estudos Culturais (Silva Junior, 2023).

Currículo-museu é uma forma de compreender e conceituar a educação que acontece em museus, reconhecendo-a como uma experiência educacional rica e complexa que vai além da simples visualização de objetos ou da leitura de placas informativas. Trata-se de um conceito que valoriza a interação, a interpretação e a construção de significados pelos/as visitantes, considerando o museu como um espaço de aprendizado ativo e participativo. Na visão de Alves (2022), o museu pode ser entendido como um espaço curricular vivo e dinâmico que ensina e produz leituras sobre o mundo. Em suas pesquisas, o autor busca mostrar como o museu, com seus objetos e exposições, oferece oportunidades para explorar e questionar as normas sociais, incluindo aquelas relacionadas ao gênero. Alves (2022, p. 190) afirma que: [...] o museu é concebido como um currículo à medida que ele produz conhecimentos, ensina e propicia leituras de mundo. O museu como um espaço cultural não escolar propicia a experimentação de práticas e discursos desformatados da lógica escolarizada”.

No que concerne à Casa do Tambor de Crioula, o currículo-museu pode ser entendido como uma abordagem educacional que utiliza o espaço cultural e histórico do museu para explorar e produzir conhecimento sobre questões étnico-raciais. Por meio de exposições, oficinas e outras atividades educativas, o museu pode ajudar a desafiar estereótipos e preconceitos, ao mesmo tempo em que fortalece a identidade cultural. Além disso, pode servir como espaço de diálogo e reflexão crítica sobre as relações étnico-raciais no Brasil.

Os objetos museológicos expostos no Museu Casa do Tambor de Crioula suscitam múltiplas narrativas e interpretações, relacionadas, especialmente, às questões étnico-raciais e à preservação da cultura afro-brasileira. Abordam-se questões mais amplas de identidade, pertencimento e resistência, conectando a experiência do Tambor de Crioula com outras lutas históricas e contemporâneas contra o racismo e pela igualdade racial.

METODOLOGIA

Adotamos uma metodologia de pesquisa pós-crítica para investigar o funcionamento do currículo-museu Casa do Tambor de Crioula. As metodologias pós-críticas são caracterizadas pela sua flexibilidade e adaptabilidade, permitindo que os/as pesquisadores/as construam métodos específicos baseados nos seus problemas de pesquisa, nas necessidades e nas particularidades de seus objetos de estudo. Segundo Meyer e Paraíso (2012, p. 16), “[...] as teorias pós-críticas não possuem um método recomendado” para realizarmos nossas investigações e demandam um esforço contínuo de invenção e ressignificação dos modos de pesquisar. Assim, essa abordagem nos possibilita questionar e desconstruir as práticas tradicionais de pesquisa, promovendo uma investigação mais contextualizada e sensível às complexidades dos artefatos culturais estudados. Na pesquisa aqui empreendida buscamos nos inspirar na cartografia e selecionar alguns de seus elementos.

A cartografia, como método de pesquisa, é uma prática que enfatiza o processo de investigação em detrimento de objetivos pré-estabelecidos. Segundo Costa (2014, p. 66), a cartografia é uma prática “singular” de pesquisa, com “[...] ênfase no processo e não em objetivos *a priori*”. A cartografia não é um método linear ou estático; ao contrário, é um exercício contínuo de acompanhar processos, sendo flexível e aberta às imprevisibilidades e aos encontros que ocorrem ao longo da pesquisa (Kastrup, 2015). Essa abordagem valoriza a criação de mundos e a interação dinâmica entre o pesquisador e o objeto de estudo, permitindo uma investigação mais viva e situada.

Em nossa pesquisa, buscamos acompanhar o funcionamento do currículo-museu Casa do Tambor de Crioula, buscando mapear os encontros possíveis das imagens selecionadas com as questões étnico-raciais, fazendo, pois, conexões com essas questões para mostrar o que é possível aprender nesses encontros. Segundo Char (2020, p. 92), “[...] um currículo é território de encontros. O encontro se dá quando se depara com um corpo que não passa despercebido e incita a pensar, pois provoca de alguma maneira”. Entendemos que o currículo-museu Casa do Tambor de Crioula proporciona encontro da cultura com as questões étnico-raciais incitando a pensar a partir de uma perspectiva antirracista, pois incorpora elementos de valorização da cultura afro-brasileira.

Dessa forma, as questões étnico-raciais emergiram com força durante a visita, tendo a visibilidade das construções afro-brasileiras na formação da cultura sido um ponto de reflexão constante. A cartografia permitiu mapear os objetos e suas narrativas que permeavam o espaço do museu. Embora houvesse uma reprodução, esta era ainda insuficiente para abarcar toda a riqueza e diversidade da cultura afro-brasileira.

Ao mobilizar elementos da cartografia em nossa pesquisa no Museu Casa do Tambor de Crioula, selecionamos e analisamos objetos que nos permitiram tecer discussões críticas e reflexivas sobre questões étnico-raciais. Ao longo do processo, novas interpretações emergiram constantemente. Cada retorno a uma peça, cada nova conexão feita entre objetos aparentemente desconectados abriu caminhos para entender melhor as representações e suas implicações sociais e culturais. Assim, entrar no museu foi uma experiência carregada de expectativas e emoções.

A seleção dos objetos foi guiada pelo princípio da cartografia de seguir e traçar linhas que compõem espaços e corpos, animando-se com o traçado de linhas que representam as dinâmicas sociais e culturais envolvidas. Nesse processo no qual linhas foram traçadas, embaraçadas, alguns nós se fizeram no percurso, ao passo que outros se desfizeram.

ARTEFATOS QUE NARRAM UMA HISTÓRIA

Os artefatos no Museu do Tambor de Crioula têm uma importância significativa na construção de conhecimento sobre a história afro-brasileira. Eles servem como um elo tangível com o passado, proporcionando uma conexão direta com as tradições e a cultura que constituíram a identidade afro-brasileira ao longo dos séculos.

Dentro desse contexto do currículo-museu, nós selecionamos quatro imagens fotografadas no Museu Casa do Tambor de Crioula. Essas esculturas, expostas no próprio museu, representam a cultura afro-brasileira e trazem consigo conhecimentos sobre questões étnico-raciais: 1. Roda do Tambor de Crioula: representa a dança e celebração cultural afro-brasileira; 2. Vestimentas: destaca as roupas tradicionais usadas nas celebrações; 3. Tambores: constituem símbolos centrais na música e rituais do Tambor de Crioula; 4. São Benedito: trata-se de uma figura religiosa venerada nas práticas culturais e religiosas afro-brasileiras.

Essas imagens complementam a narrativa curricular do museu, oferecendo uma experiência educativa rica em diversidade cultural e étnica. Além disso, elas permitem que os visitantes visualizem e entendam a dinâmica dessa manifestação cultural, mesmo fora do contexto real de uma performance ao vivo. A seguir, apresentamos a figura 1.

Figura 1 – Figura que representa a roda do Tambor de Crioula



Fonte: Arquivo dos autores, 2023

Na figura 1, a imagem apresentada retrata uma roda de Tambor de Crioula, exposta em um lugar de destaque no Museu Casa do Tambor de Crioula. Essa exibição circular representa, de modo preciso, essa manifestação cultural e religiosa típica do Maranhão.

No centro da roda, várias mulheres, vestidas com saias coloridas e adornadas com colares e turbantes brancos, estão posicionadas frente a frente, prontas para realizar a famosa umbigada, um movimento simbólico e crucial na dança. Ao redor, os homens, conhecidos como coreiros, tocam os tambores com grande destreza, proporcionando o ritmo essencial para a dança. Entre eles, pode-se ver uma mulher segurando uma imagem de São Benedito, enfatizando o caráter religioso da roda.

Essa roda de Tambor de Crioula não é apenas uma expressão cultural, mas também uma forma de pagamento de promessas ao santo. A presença de São Benedito no centro da roda destaca a devoção dos participantes, reforçando o vínculo entre a dança, a fé e a tradição. O formato circular da roda simboliza a união e a continuidade da cultura afro-brasileira, tornando esse modelo uma reprodução autêntica e significativa dessa prática cultural maranhense. Além disso, a Casa do Tambor de Crioula é um espaço dedicado à preservação e à promoção dessa rica herança cultural, proporcionando aos visitantes uma imersão completa na tradição e espiritualidade do Tambor de Crioula.

As esculturas presentes na Casa do Tambor de Crioula desempenham um papel crucial tanto na preservação quanto na disseminação da cultura afro-brasileira. Elas não são apenas peças artísticas, mas também instrumentos educativos que proporcionam aos visitantes uma compreensão acerca das tradições e práticas culturais do Maranhão.

A imagem dos artefatos do Museu do Tambor de Crioula destaca a importância da dança do Tambor de Crioula como uma expressão cultural vital que celebra a herança africana no Brasil, especialmente no estado do Maranhão.

Essas esculturas são representações detalhadas das rodas de Tambor de Crioula, capturando momentos essenciais da dança, como a umbigada, a disposição dos coreiros e a devoção a São Benedito – o que permite que os visitantes tenham uma melhor noção da roda do Tambor de Crioula, mesmo não tendo presenciado a performance ao vivo.

As figuras coloridas e animadas, vestidas em trajes tradicionais e dispostas em um círculo, refletem a energia e a comunidade que são fundamentais para essa prática cultural. Os instrumentos musicais, como os tambores, não são apenas para a produção de música; eles são símbolos de resistência, história e identidade. A imagem demonstra como o patrimônio imaterial é transmitido e celebrado e como é importante que as comunidades mantenham vivas suas tradições culturais.

Ramassote *et al.* (2006, p. 16), falando acerca do Tambor de Crioula, sustentam que,

de modo geral, podemos defini-la como uma forma de expressão de matriz afro-brasileira que envolve dança circular, canto e percussão de tambores. Dela participam as ‘coreiras’, tocadores e cantadores, conduzidos pelo ritmo incessante dos tambores e o influxo das toadas evocadas, culminando na punção (ou umbigada) - movimento coreográfico no qual as dançarinas, num gesto entendido como saudação e convite, tocam o ventre umas das outras.

A imagem ilustra a riqueza das tradições afro-brasileiras e a importância de preservar e valorizar essas expressões culturais. Por meio de exposições como essa, os museus podem desempenhar um papel crucial na educação, oferecendo uma plataforma para discussões sobre a identidade, a história e a contribuição das comunidades afro-brasileiras para a sociedade.

Ao retratar a vestimenta, a música e a dança tradicionais, esses objetos não apenas celebram a identidade e as tradições afro-brasileiras, mas também promovem um maior reconhecimento e apreciação de sua contribuição para a cultura brasileira. Eles atuam como ferramentas visuais essenciais que podem ser incorporadas em atividades educativas, enriquecendo o ensino sobre a diversidade cultural do Brasil, a história da diáspora africana e a importância da preservação das tradições culturais.

Nessa perspectiva, incorporar esses objetos e as narrativas que eles representam no currículo pode ser uma estratégia eficaz para reconhecer e exaltar a diversidade étnica e cultural. Essa inclusão serve como um convite à reflexão e ao questionamento de noções pré-concebidas sobre a cultura afro-brasileira, fomentando um entendimento mais aprofundado e respeitoso, fazendo com que os indivíduos mergulhem nas histórias.

A identidade cultural do Tambor de Crioula, preservada e exaltada pelo Museu do Tambor de Crioula, é uma expressão vibrante da herança afro-brasileira, refletindo a resistência, a espiritualidade e a criatividade dos descendentes africanos no Brasil. Cada escultura, objeto e imagem no museu é um testemunho da luta e da perseverança dessas comunidades em manter viva uma tradição que transcende gerações, celebrando suas raízes e afirmando sua presença na diversidade cultural do país. Esse patrimônio imaterial é um símbolo poderoso da identidade

coletiva, conectando o passado ao presente e servindo como uma fonte de orgulho e inspiração para todos/as que se identificam com essa rica herança.

Ao proporcionar acesso a recursos históricos, artísticos e etnográficos, o museu facilita a pesquisa e o estudo acadêmico, fomentando uma maior apreciação e compreensão das complexidades culturais associadas ao tambor de crioula. Além disso, o museu promove oficinas, palestras e eventos culturais que incentivam a participação ativa da comunidade, criando um ambiente de aprendizado contínuo e colaborativo. Dessa forma, o Museu do Tambor de Crioula não apenas conserva a cultura, mas também a dinamiza, assegurando que o conhecimento sobre essa rica tradição seja constantemente ampliado e disseminado para futuras gerações.

Outrossim, ao evidenciar a cultura afro-brasileira como um elemento essencial e pulsante da sociedade brasileira, esses objetos reforçam uma perspectiva mais abrangente e justa da história e da identidade nacional. Eles são ferramentas poderosas para desafiar estereótipos e preconceitos, promovendo uma visão mais inclusiva e valorizando a rica tapeçaria cultural do Brasil.

Além disso, o museu desempenha um papel fundamental na construção de conhecimento ao oferecer um espaço onde a história, a cultura e as tradições do tambor de crioula podem ser exploradas e compreendidas de forma profunda e envolvente. Por meio de suas exposições de esculturas, objetos e imagens, o museu não apenas preserva artefatos e memórias, mas também educa os/as visitantes sobre as origens e a evolução dessa manifestação cultural afro-brasileira.

Alves (2022) destaca que o museu, entendido como currículo, é um espaço de produção de saberes que vai além das práticas escolares tradicionais, permitindo uma educação que atravessa diferentes culturas e épocas históricas. Assim, os museus oferecem um território de experimentação e ressignificação no qual os indivíduos podem se transformar e reinterpretar suas experiências e subjetividades.

A pedagogia do letramento museal é central nesse processo, pois utiliza múltiplas linguagens, sejam elas artísticas, musicais, corporais, para promover uma leitura crítica das relações sociais, políticas, históricas e culturais. Assim, o museu se configura como um local para acolher e discutir diferenças, proporcionando uma educação que valoriza a diversidade e desafia as narrativas essencialistas. Alves (2022, p. 193) defende que “[...] o letramento museal possibilita uma leitura de mundo a partir dos espaços museais, investigando o que um museu pode dizer sobre as relações sociais, políticas, históricas e culturais que o atravessam”.

Dessa forma, transforma-se o museu em um espaço dinâmico de aprendizagem e transformação onde a diversidade de experiências e subjetividades é valorizada e novas formas de conhecimento são constantemente exploradas e ressignificadas. É o que acontece também no Museu Casa do Tambor de Crioula.

Figura 2 – Vestimentas do Tambor de Crioula



Fonte: Arquivo dos autores, 2023

Os manequins estão vestidos com trajes tradicionais que refletem a estética marcante dessa tradição, destacando a herança cultural e a importância da preservação das tradições afro-brasileiras no Maranhão.

À esquerda, temos um manequim feminino vestido com uma blusa branca de renda, complementada por um turbante branco na cabeça. A saia é longa e volumosa, de cor azul, adornada com estampas florais em tons de rosa e verde. Além disso, o manequim está adornado com várias camadas de colares coloridos, que reforçam a riqueza e a vivacidade das tradições afro-brasileiras.

À direita, o manequim masculino está trajando uma camisa de manga curta com estampa floral, predominando os tons de verde, rosa e branco, transmitindo um visual alegre e descontraído. Ele também usa um chapéu de palha e calças brancas, que são comuns nas vestimentas típicas do Tambor de Crioula, contribuindo para a autenticidade e o conforto necessários nas danças e celebrações. Ramassote *et al.* (2006, p. 72) reafirmam: “Para as mulheres, saia de chitão florido e bem rodada ‘que é pra dar aquele movimento’, anágua por baixo da saia, blusa branca de renda, com babado na gola, torso na cabeça, colares. Para homens, calça, camisa “de botão” e chapéu de couro ou de palha”.

Essas vestimentas servem como uma reprodução visual e tangível da cultura e da história do Tambor de Crioula. Elas exemplificam como os praticantes expressam identidade e criatividade dentro de uma tradição que, apesar de padronizada, permite variações pessoais e regionais. Isso ensina aos visitantes sobre a evolução e a diversidade das práticas culturais, além de destacar a importância da autenticidade e da originalidade na preservação das tradições populares.

O Tambor de Crioula é uma forma de arte que combina dança, percussão e canto, enraizada nas tradições africanas trazidas ao Brasil pelos povos escravizados. Sua importância transcende a mera performance artística; é um ato de resistência e criatividade das comunidades afro-brasileiras na preservação de sua herança cultural, apesar das adversidades históricas.

Desse modo, Alves (2022) afirma que o museu, enquanto espaço educativo, oferece um currículo que se configura por suas exposições e pelas interações que provoca nos visitantes, permitindo um aprendizado que perambula pelas narrativas apresentadas e pelas experiências individuais construídas nesse ambiente.

Sendo assim, o Museu do Tambor de Crioula oferece um meio de celebrar a ancestralidade africana e contribuir para o rico mosaico cultural brasileiro. A imagem não apenas retrata trajes tradicionais, mas também simboliza temas mais amplos de identidade cultural, resistência, continuidade histórica e orgulho étnico dentro das comunidades afro-brasileiras. Ela oferece uma visão de como a cultura material, como o vestuário, pode ser impregnada de significado profundo relacionado à identidade e ao patrimônio. Junior (2006, p. 19) defende que

a diversidade histórica e cultural do povo brasileiro, suas cores e suas nuances permitem que teias sejam tecidas através de discussões, debates e reflexões no estudo da literatura afro-brasileira e africana com objetivo de eliminar as leituras de diferentes e exóticos sobre os biótipos brasileiros e africanos. Novas histórias deverão ser contadas e sobre os mais variados prismas num constante criar e recriar de diferentes pontos de vistas fornecendo assim elementos que possibilitam uma visão diferente sobre “o eu e o outro”.

As indumentárias do Tambor de Crioula estabelecem um elo com a identidade étnico-racial, atuando como uma manifestação visual da rica cultura e do legado afro-brasileiro. Tais trajes transcendem a função de meros figurinos dançantes, visto serem portadores da memória e da luta resiliente de uma comunidade. Cada detalhe dessas vestes é carregado de simbolismo: as tonalidades vivas e os desenhos floridos são um espelho da herança africana, uma celebração à exuberância da vida e ao esplendor da natureza, elementos vitais em diversas tradições africanas.

As amplas saias esvoaçantes proporcionam uma liberdade de movimentos essencial para a dança, facilitando a expressão corporal que é tão característica do Tambor de Crioula. Os colares sobrepostos e demais ornamentos são vistos como uma reverência aos antepassados, refletindo uma prática reverenciada em inúmeras culturas do continente africano.

Essas vestimentas significam muito mais que simples artefatos têxteis; elas simbolizam identidade e pertença. Elas narram a saga de um povo que, mesmo tendo sido desterrado de seu solo natal e subjugado pelo jugo da escravidão, logrou conservar e recriar sua cultura num contexto distinto. A seguir apresentamos um outro elemento importante no currículo do museu aqui investigado.

Figura 3 - Tambores



Fonte: Arquivo dos autores, 2023

Os três tambores do Tambor de crioula são instrumentos indispensáveis para essa expressão cultural afro-brasileira, utilizados em diversas manifestações culturais, como danças e rituais, incluindo três tipos principais, cada um com funções específicas na criação dos ritmos. Ferretti (2002, p. 78) afirma que

os três tambores recebem normalmente as denominações de: tambor grande, meia e crivador, os quais são feitos da mesma qualidade de madeira, mangue, sororó, pau d'arco, Angelim, faveira e mescla. Inicialmente são escolhidos três troncos de diâmetros diferentes, em seguida são cortados mais ou menos de acordo com a altura determinada a cada tambor.

Desse modo, reiteramos a fala de Ferretti (2002) e acrescentamos, primeiramente, o Crivador, também conhecido como Pererengue, que é o menor dos tambores. Seu som é mais agudo e ele desempenha um papel crucial na marcação rápida dos ritmos que guiam a dança. Esse tambor é essencial para a precisão e a agilidade das batidas, proporcionando uma base rítmica que dita o compasso da performance.

Em seguida, temos o Meia, também chamado de Meio ou Chamador, tambor de tamanho médio que emite um som intermediário. Sua principal função é manter o ritmo coeso entre o Crivador e o Rufador, criando uma ponte sonora que equilibra as diferentes tonalidades dos tambores. O Meia é fundamental para a harmonia do conjunto, garantindo que os ritmos se integrem de maneira fluida.

Por último, o Rufador é o maior dos três tambores e produz os sons mais graves. Muitas vezes, o Rufador é responsável por solos de batuque durante a apresentação, adicionando profundidade e dinamismo ao som coletivo. Seus graves ressonantes proporcionam uma base

sólida e poderosa que dá suporte aos ritmos mais agudos e intermediários, completando o espectro sonoro do grupo.

Juntos, o Crivador, o Meião e o Rufador criam uma sonoridade que é essencial para a vivacidade e a expressividade das apresentações culturais, seja em danças tradicionais, rituais ou outros eventos festivos. Cada tambor, com suas características únicas, contribui de maneira indispensável para a complexidade e beleza dos ritmos apresentados.

Os tambores possuem uma relação profunda com as questões étnico-raciais, simbolizando a luta e a resistência dos afro-brasileiros contra a marginalização e a perda de sua herança cultural. Por meio do Tambor de Crioula, a comunidade afro-brasileira expressa sua história, suas dores e suas alegrias, preservando as tradições que definem sua identidade.

Além disso, o Tambor de Crioula funciona como uma ferramenta educacional, transmitindo às novas gerações a história e a cultura afro-brasileira. Ele cria um espaço para discussões sobre raça, identidade e pertencimento, desempenhando um papel fundamental na conscientização sobre a diversidade cultural do Brasil.

Ademais, esses tambores são conhecidos por serem bastante rústicos e feitos manualmente. Eles são criados a partir de troncos cortados em três tamanhos diferentes e trabalhados exteriormente para que a parte superior fique mais larga que a inferior. Internamente, o tronco é esculpido a fogo com o auxílio de instrumentos de ferro para que fique oco. Um dos lados é coberto com couro de animal, como boi ou veado, e preso com cravelhas e amarrado com corda ou couro.

A exposição dos tambores do Tambor de Crioula em um currículo-museu serve como um poderoso recurso para a produção de conhecimento sobre questões étnico-raciais. Conforme Alves (2022, p. 180) explora, o currículo-museu é concebido como um “[...] artefato cultural que ensina, educa, prescreve saberes e produz sujeitos, que está em muitos espaços”. Nesse contexto, os tambores atuam não apenas como objetos históricos ou culturais, mas como catalisadores de diálogos e reflexões sobre a herança africana no Brasil, a resistência cultural e as dinâmicas raciais. A presença desses instrumentos em um museu permite que visitantes vivenciem, questionem e compreendam a complexidade das relações raciais e a importância da cultura afro-brasileira, promovendo uma educação inclusiva e crítica.

Além disso, o currículo-museu, ao incorporar tambores do Tambor de Crioula, enfatiza a interconexão entre educação e cultura na formação de sujeitos culturais. Esse processo de aprendizado transcende os limites tradicionais da escola, inserindo-se em um espaço museal que produz movimentos e conexões com outras culturas, outras histórias. Os tambores, como (des)objetos museais, desafiam os visitantes a repensar estereótipos raciais e a valorizar a diversidade cultural, contribuindo para uma educação cidadã e democrática. A inclusão desses instrumentos no museu demonstra a capacidade do currículo-museu de gerar novas práticas pedagógicas e discursos, ampliando a compreensão e o respeito pela diversidade étnico-racial na sociedade brasileira. A seguir, discutimos a última imagem selecionada em nossas incursões metodológicas.

Figura 4 – São Benedito



Fonte: Arquivo dos autores, 2023

A imagem exibe uma estátua de São Benedito, um santo católico venerado, especialmente em comunidades afro-brasileiras. Ele é representado com vestes negras adornadas com detalhes dourados, segurando o menino Jesus. A estátua está posicionada sobre um leito de rosas artificiais vermelhas vibrantes, dentro de uma estrutura rústica de madeira com decorações franjadas brancas no topo. O fundo branco simples destaca a figura escura e os elementos coloridos da composição.

São Benedito é venerado como um santo que, segundo a tradição, era um escravo que fugiu para a mata, cortou um tronco de árvore, tocou tambor e depois ensinou outros negros a fazer e tocar tambor. Outra versão diz que ele era o cozinheiro de um mosteiro que escondia comida em suas vestes para levar aos pobres e escravos. Nessa perspectiva, Cordeiro (2006, p. 62) relata que

São Benedito, o santo preto, ocupa lugar de patrono, protetor dos grupos de tambor de crioula. Evocando histórias contadas por antepassados, São Benedito nos foi apresentado pelos brincantes como aquele que fazia a mediação com o mundo dos brancos. Seja para alimentar, proteger ou inventar a parêlha de tambor, São Benedito é reconhecido e cultuado como o santo milagreiro.

Sua história como um africano que se tornou santo após ser escravizado e depois libertado ressoa com temas de resiliência e humildade. Ele é frequentemente associado à resistência contra a opressão racial e à riqueza espiritual em meio à pobreza material. Segundo o estudo de Mattos (2012, p. 164),

as irmandades compostas por negros, escravos e libertos eram de grande importância social para a manutenção de relações de solidariedade entre seus membros e para a tentativa de amenizar as agruras do sistema escravista. A maior parte dela tinha devoção por santos negros, como Santo Elesbão, Santa Efigênia e São Benedito.

Na produção de conhecimento sobre questões étnico-raciais, São Benedito serve como um ponto de reflexão sobre a construção histórica da identidade negra e sua reverência em certos contextos. Sua veneração ilustra como práticas religiosas podem ser locais de resistência contra discriminação racial e marginalização social.

São Benedito emerge como um ícone de identidade e reprodução para as comunidades afro-brasileiras, desafiando as narrativas dominantes que muitas vezes marginalizam figuras negras na iconografia religiosa. Sua veneração é um ato de resistência cultural e uma celebração da identidade negra, refletindo a complexidade das identidades étnico-raciais no Brasil, moldadas por um legado de interações culturais. No sincretismo religioso, ele representa a união de tradições católicas com práticas culturais africanas, simbolizando a luta contínua das comunidades negras por reconhecimento e justiça social.

A inclusão de São Benedito na educação sobre relações étnico-raciais é fundamental para promover a consciência racial e o respeito pela diversidade cultural, integrando a história e a cultura afro-brasileira ao currículo aqui investigado. Reconhecido como patrimônio cultural, São Benedito exemplifica a importância de preservar e valorizar as contribuições afro-brasileiras, enquanto seu legado incentiva um diálogo interdisciplinar entre religião, história, sociologia e antropologia, enriquecendo a produção de conhecimento sobre questões étnico-raciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As quatro imagens do Museu do Tambor de Crioula mostram elementos importantes da cultura afro-brasileira do Maranhão – todos interligados pelo objetivo de preservar e celebrar essa herança cultural. A primeira imagem apresenta uma roda do Tambor de Crioula, com sua dança circular, reverenciando São Benedito. A segunda mostra trajes típicos, fundamentais nas celebrações do Tambor de Crioula. A terceira imagem foca em tambores, instrumentos centrais dessa manifestação cultural. A quarta exibe uma figura religiosa cercada por flores, indicando a espiritualidade presente nas tradições afro-brasileiras. Juntas, essas imagens destacam a riqueza e a diversidade da cultura afro-brasileira.

O Museu do Tambor de Crioula atua como um currículo-museu, um espaço de resistência cultural. Assim, com esse currículo, podemos refletir as ideias de Paraíso (2016) sobre como os currículos podem desafiar normas opressivas e promover a inclusão. Ao apresentar e valorizar a cultura afro-brasileira, o museu resiste à marginalização histórica dessas tradições, oferecendo um contraponto às narrativas dominantes que muitas vezes excluem ou distorcem a contribuição afro-brasileira.

De modo geral, o currículo-museu ensina a importância da preservação cultural e a valorização das práticas tradicionais. Ele proporciona uma educação que vai além dos limites

acadêmicos, envolvendo os/as visitantes em uma experiência rica em história, música, dança e espiritualidade. Com suas exposições de tambores, trajes e figuras religiosas, o museu transmite a importância dessas tradições na construção da identidade cultural e da resistência afro-brasileira, promovendo um entendimento mais profundo e respeitoso dessas práticas.

A importância do Museu do Tambor de Crioula para a incorporação de conhecimentos historicamente silenciados no currículo escolar é fundamental. Esse espaço educativo permite que estudantes e visitantes acessem histórias e conhecimentos que foram marginalizados, promovendo uma compreensão mais completa e inclusiva da história brasileira.

O Museu do Tambor de Crioula não apenas preserva a cultura afro-brasileira, mas também serve como um espaço para a desconstrução de preconceitos e para a promoção da equidade. Ele exemplifica como os currículos podem ser espaços dinâmicos de resistência e transformação, oferecendo uma educação que valoriza a diversidade e a inclusão. Opera, portanto, com uma pedagogia da descolonização.

Entendemos que “[...] o termo descolonização significa mais que *‘los procesos clásicos de concientización’* (De Oto, 2009), supondo uma politização. É a irrupção do novo que coloca em xeque a identidade, o conhecimento, a história e a cultura que nos foram impostas” (Mouján, 2020, p. 33). Nesse sentido, o Museu Casa de Tambor de Crioula, ao narrar a história de um certo modo, luta não somente pela produção de sentido e significados, como se constitui como um currículo que torna visíveis conhecimentos que foram historicamente silenciados dos currículos escolares em detrimento de uma história europeia. É exatamente dessa irrupção, de que nos fala Mouján, que parece ser o trabalho do museu investigado. Assim, esse museu busca também “[...] transformar a resistência cultural em luta política” (Mouján, 2020, p. 33). Desse modo, se a “[...] descolonização se apresenta como afirmação radical, a nação (o povo) decidiu tornar irreversível sua presença na história como programa de desordem absoluta” (Moujan; Ramos Junior; Carvalho, 2020, p. 15). Dessa forma, ao mobilizar e materializar suas memórias em um museu, o que se reivindica não é somente contar uma narrativa, mas a luta por colocar essa história no campo de visibilidade como podendo e devendo ser contada, lembrada, valorizada para nunca ser esquecida.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Cláudio Eduardo Resende. Gênero, educação e moda: perambulações curriculares em um museu. *Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB*, [s. l.], v. 27, n. 61, p. 187-204, 2022. Disponível em <https://www.serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/1707>. Acesso em 5 nov. 2025.
- BARBOSA, Yêda (coord.). *Tambor de Crioula do Maranhão*. Brasília: Iphan, 2016. Disponível em http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/dossie15_tambor.pdf. Acesso em 10 maio 2025.
- BERTH, Joice. *O que é empoderamento?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.
- CHAGAS, Mário de Souza. *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade*. Chapecó: Argos, 2006.
- CHAR, Carla. *O que pode um currículo-dançante: experimentações de um currículo com dança*. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. Disponível em <https://repositorio.ufmg.br/server/api/core/bitstreams/c1f5178d-c917-47fc-964e-1cfea40bfe62/content>. Acesso em 5 nov. 2025.

- CORDEIRO, Renata dos Reis. Lugares. In: RAMASSOTE, Rodrigo (coord.). *Os tambores da ilha*. São Luís: Iphan, 2006. p. 56-78.
- COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. *Revista Digital do LAV*, [s. l.], v. 7, n. 2, p. 066-077, 2014. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111>. Acesso em 5 nov. 2025.
- FERRETTI, Sergio. *Tambor de crioula ritual e espetáculo*. 3. ed. São Luís: Comissão Maranhense de Folclore, 2002.
- JUNIOR, Benjamin Abdala. A literatura, a diferença e a condição intelectual. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, [s. l.], v. 8, n. 8, p. 19-40, 2024. Disponível em <https://rbic.com.br/index.php/rbic/article/view/172>. Acesso em 5 nov. 2025.
- KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades*. v. 1. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 32-51.
- KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda. Analisando a dinâmica da Relação museu - educação formal. In: KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda; VALENTE, Maria Ester. *Caderno do Museu da Vida: o formal e o não-formal na dimensão educativa do museu 2001/2002*. Rio de Janeiro: Museu da Vida, 2002. p. 16-25.
- MATOS, Regiane Augusto de. *História e cultura afro-brasileira*. 2. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.
- MEYER, Dagmar Esterman; PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas ou sobre como fazemos nossas investigações. In: MEYER, Dagmar Esterman; PARAÍSO, Marlucy Alves (org.). *Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 15-22.
- MOUJÁN, Inés Fernández; RAMOS JUNIOR, Dernival Venâncio; CARVALHO, Elson S. Silva. Decolonial ou Descolonial? Ou No tiremos el agua sucia con el niño adentro. In: CARVALHO, Elson S. Silva; RAMOS JUNIOR, Dernival Venâncio; MOUJÁN, Inés Fernández. *Pedagogia (des)coloniais: saberes e fazeres*. Goiânia: Elson Silva Carvalho, 2020. p. 13-24. Disponível em <https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/otros/20200806120522/Pedagogias-descoloniais.pdf>. Acesso em 5 nov. 2025.
- MOUJÁN, Inés Fernández. Diálogos entre saberes e práticas pedagógicas descoloniais. In: CARVALHO, Elson S. Silva; RAMOS JUNIOR, Dernival Venâncio; MOUJÁN, Inés Fernández. *Pedagogia (des)coloniais: saberes e fazeres*. Goiânia: Elson Silva Carvalho, 2020. p. 26-40. Disponível em <https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/otros/20200806120522/Pedagogias-descoloniais.pdf>. Acesso em 5 nov. 2025.
- PARAÍSO, Marlucy Alves. A ciranda do currículo com gênero, poder e resistência. *Revista Currículo sem Fronteiras*, [s. l.], v. 16, n. 3, p. 388-415, set./dez. 2016 Disponível em <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol16iss3articles/paraiso.pdf>. Acesso em 5 nov. 2025.
- RAMASSOTE, Rodrigo Martins et al. *Os tambores da ilha*. São Luís: Iphan, 2006.
- PARAÍSO, Marlucy Alves. Currículo e formação profissional em lazer. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira (org.) *Lazer em estudo: Currículo e Formação Profissional*. Campinas: Papirus. 2010. p. 27-58.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (org.). Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 23-46.

SANTOS, Maria Célia M. Museu e educação: conceitos e métodos. *Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras*, Porto Alegre, v. 31, p. 1-22, jan./jun. 2002. Disponível em https://drive.google.com/file/d/1GJBPOVLElbnD9iChta8KM3YiXX5f1ax_/view. Acesso em 5 nov. 2025.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias de currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SILVA JUNIOR, Alcidesio Oliveira da. Cultura e educação: Como operam as pedagogias culturais? *Educação, Sociedade & Culturas*, Porto, [s. v.], n. 64, mar. 2023. Disponível em <https://ojs.up.pt/index.php/esc-ciie/article/view/468/418>. Acesso em 5 nov. 2025.

Submetido em 11 agosto de 2024

Aprovado em 2 julho de 2025

Informações dos autores

Joerlison Roniere Farias Souza
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
E-mail: joerlison.souza@discente.ufma.br
ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-0779-8077>
Link Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4964599365790802>

Danilo Araujo de Oliveira
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
E-mail: oliveira.danilo@ufma.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3222-3172>
Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0463409625851892>